

O sentimento de desilusão em Freud e a impossibilidade da construção de um futuro autêntico

The sentiment of disillusion in Freud and the impossibility of construction of an authentic future

Luciano Assis Mattuella *

RESUMO: A proposta deste breve artigo é pensar, a partir da noção freudiana de desilusão com o mundo, a importância da construção de uma fantasia de futuro para que se possa sustentar o porvir enquanto alteridade, e não meramente como uma projeção mimética do presente. Para tanto, é central que resgatemos a concepção de estrangeiro - uma das figuras da alteridade - e que articulemos este conceito com aquilo que a psicanálise entende como função paterna simbólica, ou seja, a transmissão de uma herança e a possibilidade de estabelecer laços de filiação pela via da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Estrangeiro. Fantasia. Futuro.

ABSTRACT: The purpose of this brief essay is to think, starting with the freudian notion of disillusion with the world the importance of the construction of a phantasy of future that could sustain the future as alterity, and not merely as a mimetic projection of the present. We cannot do that without bringing into the text the conception of foreign - one of the figures of the alterity - and articulate this concept with what psychoanalysis understands as the symbolical function of the father - the transmission of an heritage and the possibility to make filiation bonds through the culture.

KEYWORDS: Alterity. Foreign. Phantasy. Future

Em um artigo um tanto quanto periférico e desconhecido, Reflexões para os tempos de guerra e morte, Sigmund Freud diagnostica, há quase um século - 1915 -, uma mudança no ânimo geral do mundo, uma espécie de sombra que lentamente toma conta da humanidade: a eclosão da Primeira Grande Guerra traz consigo um devastador sentimento de desilusão, como Freud denomina, uma espécie de decepção do homem em relação à sua capacidade de resolver conflitos de modo pacífico. Em última instância, se trata de uma descrença no poder da palavra como mediadora, da linguagem como suspensão da violência, como último refúgio

* Doutorando em Filosofia - PUCRS. Contato: mattuella@gmail.com

do que é próprio ao homem - a possibilidade de substituir por palavras os seus atos, ou, mais ainda, de transformar palavras em ato.

Curiosamente, a preocupação de Freud não é com aqueles que efetivamente foram para a guerra, para os campos de batalha, para as trincheiras, mas sim com todos aqueles a quem a guerra veio, as famílias que tiveram seus filhos retirados de seus seios e enviados para uma dimensão espaço-temporal de suspensão da cultura. Ou seja, Freud está fazendo-se porta-voz de um grupo de pessoas que tiveram de substituir a esperança de um futuro idealizado para seus filhos pela espera passiva e brutal das notícias do front de batalha. A substituição de um futuro antecipado por uma preocupação com a abreviação do futuro. Esta desilusão de que Freud se ocupa tem, portanto, uma íntima relação com os modos que o homem tem de habitar a temporalidade, erguendo-se como ser moral e ético, como podemos entender pela passagem abaixo:

Esperávamos que as grandes nações de raça branca, dominadoras do mundo, às quais cabe a liderança da espécie humana, que sabíamos possuírem como preocupação interesses de âmbito mundial, a cujos poderes criadores se deviam não só os nossos progressos técnicos no sentido de controle da natureza, como também padrões artísticos e científicos da civilização - esperávamos que esses povos conseguissem descobrir outra maneira de solucionar incompreensões e conflitos de interesse. Dentro de cada uma dessas nações, elevadas normas de conduta moral foram formuladas para o indivíduo, às quais sua maneira de vida devia conformar-se, se ele desejasse participar de uma comunidade civilizada.¹

Freud não era um ingênuo, portanto, podemos ler as linhas acima não como escritas por alguém que sentiu-se lesado em uma certa visão idealizada do mundo, muito pelo contrário, podemos entender a asserção de Freud como a daquela criança que constata a óbvia nudez do rei, que aponta para o absurdo da situação fazendo com que todos em volta não possam mais sustentar um cenário fictício em que tudo está bem enquanto nada for falado. A psicanálise por esta época já tinha bem claro que o efeito dito traumático de um evento não se deve somente ao caráter de excesso de afeto associado a determinado fato, mas também à flagrante constatação de que algo que devia ter ficado no domínio da fantasia² se realizou na

¹ FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte* [1915]. in. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, p. 312.

² O conceito de fantasia é um dos mais complexos e um dos que mais sofre modificações ao longo da obra de Freud. Para o que tange a este ensaio, podemos entender fantasia como aquela mediação imagética entre o indivíduo e o mundo, uma forma de contato com o mundo que não oblitera, mas justamente permite o acesso ao sem-sentido da realidade. A fantasia é construída ao longo da vida psíquica do indivíduo através de restos de palavras escutas na infância, de sensações corporais precoces além se relacionar, também, com desejos dos pais, ou seja, com uma certa imagem ideal que servirá como referência para o desenvolvimento subjetivo posterior.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

cena do mundo³. Esta idéia é exposta de modo flagrantemente simples pelo filósofo Slavoj Zizek:

Teríamos, portanto, de inverter a leitura padrão, segundo a qual as explosões do WTC seriam uma intrusão do Real que estilhou a nossa esfera ilusória: pelo contrário - antes do colapso do WTC, vivíamos nossa realidade vendo os horrores do Terceiro Mundo como algo que na verdade não fazia parte de nossa realidade social, como algo que (para nós) só existia como um fantasma espectral na tela do televisor -, o que aconteceu foi que, no dia 11 de setembro, esse fantasma da TV entrou na nossa realidade. Não foi a realidade que invadiu a nossa imagem: foi a imagem que invadiu e destruiu a nossa realidade (ou seja, as coordenadas simbólicas que determinam o que sentimos como realidade).⁴

Assim, todo evento traumático já está anunciado desde muito antes em nível latente, e é esta representação domesticada pela razão que adquire matizes de excesso quando irrompe na vida vivida. A trauma não é a falta, mas o excesso de sentido que desfaz as referências simbólicas que utilizamos para organizar nossas vidas em uma narrativa mais ou menos consistente.

Como se a civilização, através da formulação de normas de conduta razoavelmente bem assentadas, pudesse reprimir impulsos como o de dominação e o de conquista de territórios - expansão de seu espaço pessoal, de superfície de apropriação pelo eu. Freud está falando, neste artigo de 1915, sobre o quanto esta desilusão sentida tem seus alicerces cravados em solos mais antigos do que se supõe à primeira vista: “Poder-se-ia supor [...] que as próprias grandes nações adquiriram tanta compreensão do que possuíam em comum, tanta tolerância quanto a suas divergências, que ‘estrangeiro’ e ‘inimigo’ já não podiam fundir-se, tal como na Antigüidade clássica, num conceito único”⁵. Novamente percebemos aí o mecanismo do trauma: a aproximação da categoria do estrangeiro daquela do inimigo é antiga - é até estrutural, diríamos, para o pensamento ocidental - e (des)encontra, diversas vezes,

³ Assim, se trabalhamos tanto e com tanto afincamento ao longo da história da humanidade para acordarmos sobre fronteiras e limites, além de modos de regularmos estes espaços de interstício, se nos ocupamos tanto em estabelecer normas que restringem a violência, é porque em algum ponto de nossa constituição psíquica se encontra presentificado o mais fundamental o desejo de dominar e fazer do outro objeto de gozo - legislamos de modo a colocar um freio à realização de nossas fantasias - inconscientes, que fique claro - no mundo.

⁴ ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real!* São Paulo: Editora Boitempo, 2003, pg. 31. Zizek ainda fornece um outro elemento bastante importante para reforçar a sua tese: “O fato de depois do 11 de Setembro se ter adiado ou cancelado o lançamento de grande filmes contendo cenas semelhantes ao colapso do WTC (edifícios altos em chamas ou sendo atacados, atos de terrorismo, etc.) pode ser entendido como a ‘repressão’ do cenário fantasmagórico responsável pelo colapso do WTC.” (p. 31). É o caso, por exemplo, de um teaser para o filme *Spiderman* (2001), que foi banido devido a uma cena em que o herói se utilizava das torres gêmeas como suporte para conter, com suas teias, um helicóptero fugitivo (cf. <http://www.trailerspy.com/trailer/190/Banned-Spider-Man-WTC-Teaser> [acessado em 07.12.2009]).

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

O sentimento de desilusão em Freud e a impossibilidade da construção de um futuro autêntico

lugar na cena do mundo em eventos que são lidos como traumáticos: a Primeira Grande Guerra, o Holocausto, os atentados ao WTC, entre outros.

O estrangeiro é visto como inimigo porque fala uma outra língua e foi constituído no seio de uma outra cultura - é filho de uma outra cultura. Ele aponta, deste modo, o quanto a cultura e a língua na qual somos subjetivados não ocupa o lugar de única. Como claramente afirma Derrida,

o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade, o direito ao asilo, seus limites, suas normas, sua polícia, etc. Ele deve pedir a hospitalidade numa língua que, por definição, não é a sua, aquela imposta pelo dono da casa, o hospedeiro, o rei, o senhor, o poder, a nação, o Estado, o pai, etc.⁶

Desta forma, encontrar o estrangeiro - ou, mais ainda, escutar-lhe bater à porta, pois o estrangeiro vem - implica ou relativizar uma concepção de mundo enraizada firmemente, fazer com que nos deparemos com o inelutável aspecto de ficção de todo arcabouço simbólico que nos sustenta enquanto pertencentes a uma linhagem, uma tradição, uma cultura, ou enfrentá-lo defensivamente, reativamente, de modo a anular a sua inquietante presença. Pois, como nos mostra Derrida, o “estrangeiro sacode o dogmatismo ameaçador do logos paterno: o ser que é e o não-ser que não é”⁷. A estrutura de parentesco está no registro das trocas culturais, não no âmbito da causalidade natural. Assim, o estrangeiro é aquele que é filho de outro pai e que faz com que nos deparemos com o aterrador fato de que há mais que apenas um pai, mais do que uma herança a ser recebida.

Deste modo, a desilusão de que trata Freud diz respeito à impossibilidade de o homem receber o estrangeiro em sua casa pela via da hospitalidade e do acolhimento, de lhe prestar asilo em seu território. Os domínios privados não servindo mais para prestar asilo, mas transformando-se em zonas de fronteira, em não-lugares, em terras sem filiação simbólica. Uma zona de fronteira - culturalmente falando - é aquela em que duas ou mais narrativas-mestras, ou seja, o acumulado de histórias antigas, mitos fundadores, crenças arcaicas, que servem como referência para ações no presente, têm de se encontrar e dialogar ou, pior, chocarem-se umas com as outras - é a questão da xenofobia. Assim, o estrangeiro é aquele que propõe uma reconsideração do poder da palavra.

⁵ FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte* [1915]. in. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974, p. 313.

⁶ DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escura, 2003, p. 15.

⁷ DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida...*, p. 6.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

Esta leitura de Derrida é bastante importante, mas é necessário que demos ainda mais um passo adiante: se o estrangeiro é aquele que suspende as nossas certezas sobre o mundo e sobre a vida, se é aquele que aponta para a fragilidade da língua de origem e das normas paternas, e - principalmente! - se podemos perceber isso como algo que nos concerne, é porque este Pai já ocupa desde o início um lugar de exceção, um fora, um não lugar. Nascemos imersos em um caldo cultural, evidentemente, mas não por isso a transmissão deste legado cultural, deste “depósito de destroços de mundo que se sucederam”⁸, como diz Lacan, se dá pela via natural: é porque há alguém que faça vezes de embaixador desta cultura que a herança pode ser passada adiante. Esta é a função simbólica do pai para a psicanálise, a saber, sustentar a posição de transmissor de uma cultura na qual ele mesmo é, por sua vez, estrangeiro. Haver-se com o pai, identificar-se às insígnias da cultura é, portanto, dialogar com um estrangeiro. Assim, todo o contato com o estrangeiro é traumático, pois supõe um diálogo em que as partes não partilham do mesmo idioma.

É este fenômeno traumático que é reencontrado a cada vez que o estrangeiro bate à porta, que pede asilo em outra língua - no campo da clínica psicanalítica, trata-se da irrupção de um ato falho, um chiste, ou seja, qualquer formação do inconsciente, um ato de fala marcado primeiramente pela sua estranheza e carência de sentido: a chegada de um estrangeiro insere novamente na cena do mundo a estrangeiridade primordial do Pai. É tendo em vista a posição deste pai, estranho em seu próprio domínio, que Freud escreve seu famoso e controverso artigo chamado Moisés e o Monoteísmo⁹, no qual afirma que Moisés teria sido egípcio, ou seja, estrangeiro ao seu povo - desta forma, é apenas no final de sua obra que Freud atribui decisivamente ao pai um lugar de exceção e exterioridade. Assim, a palavra, modo privilegiado de transmissão da herança, forma característica de presença do pai, perde seu estatuto de puro mandato para adquirir outro, de enigma a ser decifrado. Uma vez que o pai fala outro idioma, e necessário traduzir seus mandamentos. Interpretar as insígnias paternas é constituir para si uma fantasia, um modo de referir-se - singularmente - ao mundo.

É exatamente por isso que elemento que eleva um acontecimento ao estatuto de traumático é a fragilização - impotência - da palavra em sua potência ordenadora e organizadora; em termos simples: acontece uma perda de consistência da malha simbólica. Estabelece-se uma espécie de fobia à palavra. Isto equivale a dizer que o trauma tem como

⁸ LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, p. 43.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

efeito o surgimento do desamparo do homem frente às intempéries do mundo em sua rugosidade fundamental, seu sem-sentido de base, uma vez que lhe faltam os referências simbólicos usuais. O que vemos como marca da contemporaneidade é uma recusa completa a suportar a face estrangeira do pai, da tradição - algo que Walter Benjamin já havia notado de modo brilhante ao afirmar que “a arte de narrar está em vias de extinção”¹⁰, ou seja, de que não temos mais o recurso ao saber que chegaria do passado até o presente conduzido pela palavra.

Não apenas a palavra falada, naturalmente, mas a palavra em seu sentido de sustentáculo de uma escritura, de um texto organizador, uma narrativa histórica (pública e mesmo privada). Por vias diferentes, a preocupação de Benjamin era a mesma de Freud. O esplendor das imagens não-dialetizáveis, dos ideais calcados no presente e no imediatismo, obscurece a potência da palavra, substitui, como diria o filósofo lituano Emmanuel Levinas, “o objeto pela sua imagem”¹¹, o mundo por uma aparência superficial de mundo. Não nos é mais concebível ter de interpretar um saber herdado, queremos uma resposta imediata, não-reflexiva, sem risco algum de erro.

Como não tem mais a possibilidade de perguntar à tradição o que deve fazer, mas como ainda assim deve posicionar-se frente ao fenômeno que surge de modo inesperado, o homem ressentido da falta de uma narrativa-mestra que o oriente e organize seu dia-a-dia e dite suas decisões morais. Uma narrativa referenciada a uma figura reguladora, seja Deus, para Idade Média, seja a ciência positivista, para o Iluminismo. Este é um aspecto essencial dos tempos contemporâneos, como nos lembra o psicanalista Charles Melman:

Gostaria, primeiramente, que os senhores observassem o seguinte: nossa cultura é organizada, de maneira muito dependente, por grandes textos. Isso começou pelos gregos, com Homero, que tinha um papel essencial na organização da vida dos gregos, como conselheiro, modelo e organizador de suas condutas. (...) Há também, naturalmente, este grande texto poético que é o nosso, a Bíblia. Não sou eu quem vai lembrar-lhes como esse texto continua desempenhando um papel essencial, não apenas na determinação de condutas individuais, mas também na vida política.

Pois bem, um dos maiores fenômenos de nosso tempo é a queda desses grandes textos. Isso é, tudo se passa como se houvesse um desinvestimento geral em relação aos grandes textos fundadores da nossa cultura.¹²

⁹ FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo* [1939]. in. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

¹⁰ BENJAMIN, Walter. *O narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. in. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197.

¹¹ LEVINAS, Emmanuel. *Les Imprevus de l'histoire*. Paris: Fata Morgana, 2007, p. 110.

¹² MELMAN, Charles. *Novas formas clínica no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003, p. 51.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

Quando já não pode se pensar como mais um elo de uma cadeia, como filiado a um saber que persiste temporalmente sob a forma de cultura apesar da morte física dos antepassados - quando não pode mais receber o testamento como um enigma frente ao qual terá de interpretar - o homem encontra-se profundamente solitário em um mundo de formas inexatas e sem nitidez, um mundo como aquele descrito por Ray Bradbury em seu livro *Fahrenheit 451*:

Às vezes acho que os motoristas não sabem o que é grama, ou flores, porque nunca param para observá-las (...). Se a gente mostrar uma mancha verde a um motorista, ele dirá: “Ah, sim! Isso é grama!”. Uma mancha cor-de-rosa? É um roseiral! Manchas brancas são casas. Manchas marrons são vacas.¹³

A pergunta óbvia é: e os homens, as mulheres, as crianças, seriam manchas de que cor? Esta pequena passagem de Bradbury serve como um ótimo exemplo de como acabamos realizando na cena do mundo - a vida contemporânea - aquilo que estava em um plano fantasístico - fantasia apontada pelo texto literário. O que nos permite pensar que é próprio do constante estado atual de trauma (de exceção?) a passagem do registro do literário para o registro do literal. Ao concretizar-se a fantasia (ou seja, quando a fantasia deixa de ser fantasia, perde sua função de anteparo), o mundo é assomado pela pior imagem que o homem pode ver de si mesmo - a realização da fantasia sufoca o espaço subjetivo, uma vez que aquilo que devia ter restado como um ainda não, como fagulha do desejo, faz-se presente às claras na realidade. O ensinamento é antigo, pois, como já dizia o próprio Kant, a melhor forma de uma profecia estar correta é quando “o próprio adivinho faz e organiza os eventos que previamente anuncia”¹⁴.

Bradbury traz como um dos matizes da passagem citada acima a questão do confronto da visibilidade com a velocidade. Como é possível que enxerguemos genuinamente algo se não paramos para olhar? Ver algo implica deixar-se inquietar-se por este algo, sentir que alguma coisa ali concerne o observador - é necessário estranhar o objeto (o fato, a si mesmo!) para realmente vê-lo. O escritor antecipa algo que, tristemente, conseguimos realizar com o passar - muito rápido - do tempo: a desfiguração do mundo. Sem o suporte da palavra, cuja característica mais contundente é a variedade de sentidos, resta impossível a evocação das coisas em sua ausência, é necessária a constante presença do mundo, mesmo que sob a forma

¹³ BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Editora Globo, 2007, p. 21.

¹⁴ KANT, Immanuel. *O conflito das faculdades*. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 96.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

de um cataclisma iminente, uma vez que não se pode recorrer à imaginação, à fantasia. Esta questão preocupa também sobremaneira outro escritor, o italiano Ítalo Calvino:

Que futuro estará reservado à imaginação individual nessa que se convencionou chamar a “civilização da imagem”? O poder de evocar imagens in absentia continuará a desenvolver-se numa humanidade cada vez mais inundada pelo dilúvio das imagens pré-fabricadas? [...] Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo¹⁵.

As imagens sem relevo, as imagens irrelevantes. Por que as imagens que se depositam em nossa memória não têm relevo? A resposta é espantosamente simples: porque não temos mais acesso a uma memória herdada que nos permita distinguir o que nos concerne - o que tem relevo - no mundo ou não. Nada têm a ver conosco, o todo têm a ver conosco. Ora, é justamente a fantasia, ou seja, o modo particular através do qual alguém interpreta o mundo baseado na herança simbólica recebida, que faz com que algo da cena do mundo adquira consistência, tenha valor. A fantasia dá contornos ao mundo. Mas por que carecemos cada vez mais do recurso à fantasia?

Quando não herdamos uma palavra dúbia vindo dos antepassados (e aqui não se trata apenas do núcleo familiar, mas de toda a tradição cultural antecedente), um saber que possamos dialetizar a nosso modo, ao nosso tom, resta-nos a frágil sustentação dos mandamentos fraternos, ou seja, dos mandamentos ancorados no efêmero e no presente imediato, nos role-models: Compre tal produto! Seja magro! Seja bonito! Seja rico!¹⁶ Isso implica que o ideal de eu, a instância psíquica entendida por Freud como a sustentadora de um futuro antecipado para o filho, que deveria ter raízes no desejo dos pais (da cultura antepassada) rui frente às exigências devastadoras do presente. Ou, mais ainda, talvez não se trate nem de um presente autêntico, pois para realmente habitar um tempo é necessário tomar posição e inscrever-se na temporalidade, portanto não se trata de um presente, mas sim de um tempo fora do tempo, uma espécie de bolsão em que o tempo surge sempre de forma intervalar.

¹⁵ CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 107.

¹⁶ Estes mandamentos do efêmero são o tema de uma interessante - por seu potencial interpretante da contemporaneidade - música da banda inglesa Radiohead. Trata-se de voz metálica (ou seja, de-subjetivada), idêntica às utilizadas em antigos computadores, recitando um poema que começa assim: “Fitter, happier, more productive / not drinking too much / regular exercises at the gym / (3 days a week)” [“Melhor adaptado, mais feliz, mais produtivo / sem beber demais / exercícios físicos regulares / (3 dias por semana)”]. O videoclipe pode ser encontrado em <http://www.youtube.com/watch?v=la0q1eeIUxQ&feature=related> [acessado em 07.12.2009].

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

 O sentimento de desilusão em Freud e a impossibilidade da construção de um futuro autêntico

Um dos efeitos colaterais da fragilização das narrativas-mestras é justamente a impossibilidade de um futuro ser antecipado, uma vez que seria próprio destas narrativas a construção de um ideal de eu que em maior ou menor grau apresentaria o futuro como um tempo a ser construído, um desejo que se tornasse, para aquele a quem a ele estivesse filiado, dívida simbólica. É disto que trata Freud quando se preocupa com esse ar de desilusão que tomou conta da sociedade: que o futuro tenha perdido a sustentação de uma fantasia organizadora para mostrar-se apenas em sua mais brutal face, a de extinção, de fim, de interrupção brusca de um projeto, de algo deixado pela metade - de morte, enfim.

Retomemos: sem narrativa-mestra, a possibilidade de antecipar um futuro torna-se ou impossível ou meramente um delírio de gerenciamento absoluto (mas não por isso menos freqüente - trata-se do mundo totalmente burocratizado). Devemos ser mais precisos: não há possibilidade de antecipar um futuro autêntico. Esta questão é central! Naturalmente que todos podemos responder à pergunta: “como você acredita que será o futuro?” ou “como você supõe que estará o mundo daqui a trinta anos?”. A questão é o quanto esta “previsão” não será uma mera projeção que tome como causa o mundo atual e como efeito o mundo porvir. Mais uma vez, Kant e as profecias auto-cumpridoras. O próprio descaso com relação ao meio-ambiente tem raízes mais profundas do que a mera preguiça ou desleixo: é uma das formas que a humanidade tem de rejeitar - mais uma vez - a recepção de uma herança; mais ainda, é um atestado cabal da impossibilidade de transmitir algo para as gerações futuras, uma vez que é preciso fantasiar o futuro como lar dos descendentes para ter razões para se preocupar com este futuro.

O futuro autêntico, por sua vez, é aquele que resguarda a sua dimensão de alteridade com relação ao presente, ou seja, que é estranho ao presente, um porvir em que nem toda a predisposição atual se realizará na cena do mundo em sua concretude. Um futuro mais rico que a racionalidade teórica humana, em outras palavras. A atitude com relação à manutenção de autenticidade do futuro evidentemente não passa por ações preditivas, mas sim por atos críticos com relação ao próprio presente¹⁷. Um futuro inautêntico, um presente projetado adiante, não resguarda espaço para a subjetividade, uma vez que está totalmente decidido de antemão. Nada fará brechas - tudo é determinado. A impossibilidade de sustentar

¹⁷ E aqui podemos entender a importantíssima função da crítica estética e do trabalho do artista, uma vez que são modos de operar no mundo que negam o mundo enquanto algo já decidido. Tanto o pensar esteticamente o mundo - ou seja, para-além do conceito frio - quanto o obrar a matéria do mundo atribuem à realidade uma dimensão de alteridade, resgatando, assim, a possibilidade do homem de estranhar a si mesmo e ao seu entorno.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|

uma fantasia de futuro - e onde há fantasia há subjetividade, uma vez que a fantasia é uma forma singular de resistência à história abstrata dos vencedores - faz com que tomemos o porvir como acabado, como uma mera imagem refletindo narcisicamente o presente. É também a fantasia que permite que se tome atitudes que levem em conta tanto uma herança recebida quanto um legado a ser transmitido: ou seja, é a fantasia que autoriza a tomada de atos verdadeiros, que impliquem o risco do esfacelamento da imagem narcísica perfeita atrelada a um tempo que não passa.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *O narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. in. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRADBURY, Ray. *Fahrenheit 451*. São Paulo: Editora Globo, 2007.
- CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escura, 2003.
- FREUD, Sigmund. *Moisés e o Monoteísmo* [1939]. in. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXIII Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- _____. *Reflexões para os tempos de guerra e morte* [1915]. in. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- KANT, Immanuel. *O conflito das faculdades*. Lisboa: Edições 70, 1993, p. 96.
- LACAN, Jacques. *O Seminário - Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- LEVINAS, Emmanuel. *Les Imprevus de l'histoire*. Paris: Fata Morgana, 2007, p. 110.
- MELMAN, Charles. *Novas formas clínica no início do terceiro milênio*. Porto Alegre: CMC Editora, 2003.
- ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do Real!* São Paulo: Editora Boitempo, 2003.

| | | | | | |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|
| <i>intuitio</i> | ISSN 1983-4012 | Porto Alegre | Vol.3 – Nº. 1 | Junho 2010 | p.70-79 |
|-----------------|-------------------|--------------|---------------|---------------|---------|